

DA YOGA AO TAJ MAHAL: RELATOS CONTEMPORÂNEOS DE VIAGENS À ÍNDIA NO BRASIL

Claudia Wanessa Rocha Poletto

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (UFMT). Turismóloga
claudiawanessa@gmail.com

Dolores Cristina Gomes Galindo

Doutora em Psicologia Social (PUC/SP). Professora da Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea e departamento de Psicologia (UFMT)
dolorescristinagomesgalindo@gmail.com

RESUMO

As narrações constituem um importante processo de recordação, produtores de “fatos” no turismo; dispositivos mnemônicos para lembrar viagens (EDENSOR, 1998), e, também, fontes para produção de novas formas de falar sobre o local onde se esteve. Este trabalho analisa relatos orais de viagens à Índia que foram produzidos por turistas brasileiras professoras e praticantes de yoga. A yoga se transnacionalizou conforme aponta Strauss (1997), porém, a Índia ainda é um ponto de referência para aqueles que buscam o seu aperfeiçoamento (AGGARWAL *et al*, 2008). Buscamos saber sobre a circulação de experiências antes, durante e após as viagens à Índia à luz das discussões pós-coloniais sobre o exercício imaginativo e a produção de fatos e materialidades sobre o lugar nominado de *oriente* (APPADURAI, 1996; SAID, 2007; BHABHA, 1998).

Palavras-chave: yoga, relatos de viagem, Índia.

ABSTRACT

Telling stories are an important process of remembering, producers of "facts" in tourism; mnemonic devices to remember trips (EDENSOR, 1998), and also sources for

production of new ways to talk about where they went. This study analyzes oral accounts of trips to India that were produced by Brazilian tourists teachers and yoga practitioners. Yoga is transnationalized as Strauss (1997) point us, however, India is still a reference for those who seek its improvement (AGGARWAL et al, 2008). We seek to know about the circulation of experiences before, during and after trips to India in the light of post-colonial discussions about exercise and imaginative production of facts and materialities of the place named *east* (APPADURAI, 1996; SAID, 2007, BHABHA, 1998).

Keywords: yoga, travel reports, India.

De onde vinham essas histórias todas? Parecia que bastava Rashid abrir a boca, com um sorriso rosado e rechonchudo, e lá vinha uma saga novinha em folha, completa [...](RUSHDIE, 2010, p. 11)

As viagens vão além de provocar deslocamentos temporários, elas continuam no regresso por meio das histórias contadas pelos viajantes. Para Peters (2006), as viagens não somente usam o tempo, mas também, produzem temporalidades e, neste caso, as narrativas na volta para casa reverberam uma viagem que parece nunca terminar. Contadas em rodas informais de conversas com amigos e familiares, publicadas na internet em *sites*, *blogs*, redes sociais ou mesmo sistematizadas em palestras, as narrativas são atravessadas por experiências, incidentes, histórias, objetos e fotografias perpetuados no tempo.

As narrativas sobre grandes viagens feitas por navegantes, aventureiros, exploradores, cientistas, sobretudo, aquelas escritas até o século XIX, atuaram como importantes fontes de informação sobre aquilo que estava além mar. Tais narrativas constituem o que se conhece como relatos de viagem, um gênero literário com características próprias. Este gênero exerceu grande popularidade na Europa no século XIX e “consistia, principalmente, no registro do escritor acerca de um lugar, privilegiando fatos ou instantâneos que melhor se amoldassem ao seu interesse narrativo” (DUARTE, 1999, p. 61).

Lançando um olhar político sobre os relatos de viagem escritos, estes são significativos instrumentos de construção e circulação de repertórios imperialistas sobre o *outro* colonial a partir do século XVII, o que vem sendo apontado pelos estudos pós-coloniais. Certamente, a Índia com seu passado colonial, foi alvo de expedições e relatos de viajantes que tinham um caráter condizente com a lógica europeia de dominação (SAID, 2007). Viagens que reafirmavam a geografia imaginativa fundada na linha divisória entre Oriente e Ocidente (SAID, 2007) e que, também a questionavam, pois narrar implica se posicionar no curso dos eventos, gerando saberes que problematizam, justamente, o que se busca reafirmar (BHABHA, 1998).

Ao longo do século XX, os relatos de viagem, mesmo aqueles que em sua época eram considerados como narrativas de pouco valor informativo, passaram a ter estatuto privilegiado como fontes históricas e antropológicas. O mesmo estatuto, entretanto, não vem sendo observado com relação aos relatos de viagens contemporâneos escritos por turistas, considerados inferiores porque estão inseridos no mercado de massa (PISCITELLI, 2002). É neste sentido que a distinção entre turistas e viajantes, bem como o emprego destes termos, se torna tema de controvérsia: a quem conferir a designação turista? A quem nomear viajante? Pensamos que ao invés de uma dicotomia entre viajantes e turistas baseada em juízos normativos, optamos por empregar uma expressão composta pelos dois termos - “turistas viajantes” que deriva da nomeação *tourist travellers* (ELLIOTT e URRY, 2010).

Na contemporaneidade, os relatos de viagem adquiriram novas performances nas dinâmicas dos fluxos turísticos, principalmente em destinações internacionalizadas como a Índia. Estes relatos não só contam uma viagem, mas também informam, podendo ainda, comercializar lugares. A utilização de termos, descrições pontuadas ou expressões locais reforçam o discurso do testemunho da viagem contada de tal maneira que “o capital narrativo é parte essencial da experiência turística – a aventura de viagem deve ser contada, a experiência não é completa sem o seu relato” (MARQUES, 2010, p. 422).

Neste trabalho, estudamos as narrativas de viagens à Índia contemporâneas de um pequeno grupo de brasileiras professoras e praticantes de yoga. Nossa chave de acesso às turistas viajantes foi a yoga, pois todas eram professoras. As turistas viajantes com quem conversamos buscaram o destino Índia pela relação com a yoga, país ao qual atribuem o florescimento da sistematização das técnicas que se espalharam ao redor do

mundo, mas que lá teriam sua origem, sendo parte necessária de um percurso de formação.

O argumento deste texto está dividido três seções. A primeira aborda os aspectos metodológicos envolvidos. A segunda discorre sobre as pesquisas contemporâneas em que as viagens à Índia se configuraram temática central. A terceira seção aborda trechos das narrativas distribuídos na preparação, em incidentes narrados durante a viagem. Nesta parte, percorremos um trajeto que foi das visitas ao Taj Mahal até o cosmopolitismo indiano na cidade de Hyderabad, bem como falamos a respeito das experiências em *ashrams*¹ indianos, lugares bastante procurados por estrangeiros em busca de práticas de yoga, meditação e estudos da filosofia indiana.

1. Apontamentos metodológicos sobre as narrativas de viagens por meio de entrevistas

As participantes das entrevistas foram selecionadas por terem ido à Índia em período recente a época da realização das entrevistas. Elas frequentavam o mesmo núcleo de yoga na cidade de São Paulo. O agendamento das entrevistas foi feito por *e-mail* e houve a mediação do professor de yoga das participantes. O apoio do espaço de yoga foi fundamental, onde contamos com a permissão para a realização das entrevistas nas dependências da escola.

Das quatro entrevistas realizadas, três foram no espaço localizado num bairro de classe média alta paulistana. A outra entrevista foi feita na casa de uma das entrevistadas, e também, em sua escola de yoga, situada no centro de São Paulo. Também foram obtidas algumas narrativas na palestra intitulada “Meditar, comer e viver”, promovida por uma das entrevistadas. Este evento foi realizado no dia 17/04/2011, em Suzano-SP, em um espaço que promove aulas de yoga e atividades associadas à qualidade de vida. Neste artigo, utilizamos nomes fictícios das entrevistadas a fim de preservar suas identidades.

Para Peter Spink (2003), contar histórias no cotidiano é uma importante ação: “Quantas vezes, quando pessoas querem relatar uma experiência importante, uma inovação ou ação social [ou uma viagem], se sentem mais confortáveis narrando o

¹ A palavra *ashram* provém da raiz sânscrita *srama* que significa “exercício religioso”, são lugares que congregam práticas de meditação, estudos filosóficos/religiosos e serviços altruístas sob a liderança de um mestre espiritual hindu ou uma linhagem específica.

processo” (P. SPINK, 2003, p.22). Foi neste sentido que optamos em estudar as narrativas por meio de entrevistas abertas. Não queríamos engessar as narrativas com perguntas sistematizadas, a fluidez das *conversas* permitiu a emergência de diferentes assuntos e temas entre as participantes, porém, algumas temáticas roteirizaram o diálogo, a fim de evitar um total desvio das conversas (GIARD, 1996).

Três entrevistas tiveram o áudio gravado e, concomitantemente, foram realizados apontamentos em um caderno de notas. Uma das quatro entrevistas, juntamente com a palestra, foi registrada com anotações e fotografias. O tempo médio das três entrevistas foi de duas horas, igualmente para a palestra. Apenas uma das entrevistas durou cinquenta minutos.

O grupo composto pelas participantes desta pesquisa foi de mulheres, entre 28 e 53 anos. No que se refere ao gênero e à yoga, um estudo realizado por Ferreira (2005) sobre o perfil de praticantes de yoga na cidade do Rio de Janeiro apontou que 71,8% da amostragem eram compostos por mulheres. Mostrou-se que o gênero feminino tem a maior incidência, o que coincidiu com o perfil das entrevistadas em nosso estudo.

A familiaridade com determinados termos de yoga e conteúdos referentes à Índia facilitaram a compreensão das narrativas e a fluidez na interaminação dialógica com as entrevistadas. As conversas estavam carregadas de palavras pertinentes ao contexto dos praticantes de yoga, tais como: *swami, Shiva, Ganga, asanas, puja, pranayama*, etc, termos bastante familiares, pois faziam parte do nosso léxico. Notamos esta incidência de referências sobre yoga e Índia somente ao transcrever as entrevistas, após alguns dias delas. Talvez a distância temporal da pesquisa, do “estar lá” e “escrever aqui”², tenha exposto esta particularidade ignorada no momento das conversas.

As temáticas sugeridas foram: preparação da viagem, objetos trazidos, alteridades e experiências. Assim, as entrevistas estiveram próximas do ato cotidiano das conversas em sua fluidez (MENEGON, 1999; MIGNOLO, 2003, SPINK, P., 2003). E, ao escrever sobre estas viagens, tornamo-nos, também, narradores. As narrativas sobre as viagens não foram lineares, mas repletas de incidentes, característica que buscamos preservar ao analisá-las, ou melhor, contá-las. O que chamamos de antes, durante e depois ocorreram no tempo presente das entrevistas, dizem, portanto, de presenças imaginadas mais do que de momentos estanques.

²Geertz em “Obras e vidas” problematiza a escrita etnográfica: um texto situacional em que a presença do autor (pesquisador) não deve ser ignorada, onde a produção do texto também é atravessada pela temporalidade.

2. Viagens à Índia: pesquisas contemporâneas

As pesquisas que discutimos nesse tópico indicam algumas produções acadêmicas realizadas sobre a destinação turística Índia na contemporaneidade. Iniciemos com o estudo da autora portuguesa Sandra Marques (2010), que tratou sobre narrativas de turistas à cidade de Kolkota na Índia. Concluiu-se que os relatos na contemporaneidade sobre lugares e outros distantes “não são a expressão da estranheza provocada por um primeiro contacto, mas, antes, o resultado do convívio de séculos com limitadas construções discursivas” (2010, p. 437).

Outro estudo aborda as motivações de viagens à Índia e experiências entre turistas estrangeiros, que os autores nominaram de ocidentais. O local da pesquisa foi no *Ashram Sri Aurobindo* e na comunidade *Auroville*, na cidade de Pondicherry - região sul (SHARPLEY e SUNDARAM, 2005). A comunidade foi fundada por Aurobindo com o objetivo de promover uma convivência fraterna entre os integrantes, baseada em princípios universais. Em vinte e oito entrevistas semiestruturadas, realizadas em cafés, uma vez que o acesso aos locais internos considerados sagrados era controlado, o estudo mostrou que poucos responderam haver viajado à Índia e visitado o *ashram* para satisfazer uma necessidade espiritual. Alguns estavam ali movidos pela curiosidade muitos, para aprender e praticar *yoga*, e outros, simplesmente, porque fazia parte do roteiro turístico. Chamou a atenção dos pesquisadores que alguns dos entrevistados reconheceram a artificialidade do lugar; outros, mesmo não motivados por busca espiritual, a visita ao *ashram* proporcionou-os certa experiência de realização espiritual.

Seguindo a análise do turismo praticado na Índia por estrangeiros, o estudo realizado por Chaudhary (2000) buscou saber as percepções do pré e pós-viagem. Com base em uma amostragem de 152 pesquisados, foram aplicados questionários estruturados. Coletaram-se dados sócio-demográficos, tendo como objetivo principal conhecer as atitudes dos turistas estrangeiros através do discurso de (multi) atributos. Os atributos escolhidos foram identificados previamente em artigos na mídia sobre a Índia e também em um pequeno levantamento entre turistas estrangeiros. A pesquisa foi voltada a instrumentar alternativas para o incremento do turismo indiano. Ela foi realizada durante dois anos, nas cidades de Delhi, Pune e Chandigrah, em aeroportos e hotéis. A maioria dos turistas encontrados foi de homens, entre trinta e cinquenta anos, solteiros e europeus que viajavam por conta própria, sem pacote turístico ou suporte de agência. As principais motivações identificadas foram a crença e o interesse em diversas

seitas religiosas. Dentre as expectativas (pré-viagem) positivas levantadas, o patrimônio cultural foi o mais citado. No rol das negativas, a falta de segurança foi evidenciada em maior escala. Na verificação da satisfação (pós-viagem), houve convergência entre a expectativa e a satisfação no item que se refere a patrimônio cultural, sendo a falta de qualidade nos serviços turísticos o problema mais apontado.

Em um recorte diferente, Dwivedi (2009) se debruçou na análise de depoimentos, relatos e fóruns de discussão de usuários que compartilharam suas experiências positivas e negativas em rede (presumidamente turistas que viajaram *para e na Índia*). Em etnografia aplicada à internet, foram analisadas duas comunidades “Lonely Planet’s the Thorn Tree” (400.675 membros/2007) e “Indiamike.com” (29.236 membros/2008). A pesquisa pôde constatar que os depoimentos positivos e negativos se misturavam. Comentários atuavam ora como dicas, orientações, ora como conselhos ou advertências. Eis um exemplo:

Imagina Michel Jackson chegando ao aeroporto com milhares de fãs gritando contidos por uma corda...Nós passamos os próximos dez minutos dizendo ‘não, muito obrigado’ para todos que ofereciam taxi, rickshaw ou hotéis [...]Agra era longe de tudo e foi o pior lugar que estive na Índia para visitar...distante do Taj, Agra para mim é suja, congestionada, um aborrecimento, pesadelo constante, um lugar que eu nunca desejo voltar...por que eles nao podem mudar o Taj para um lugar tranquilo? (ibidem, 2009, p. 230, tradução nossa)³

O artigo levantou alguns tópicos apontados pelos turistas, tais como: água potável, higiene da comida, distúrbios estomacais, pechincha como experiência genuinamente indiana, falta de limpeza nos hotéis, trânsito caótico, segurança das mulheres turistas, poluição, barreiras lingüísticas, música indiana, festivais, falta de manutenção em lugares históricos, hospitalidade dos indianos. Pobreza e sujeira se evidenciaram na maioria dos comentários dos usuários. O dado tido como surpreendente consistiu que a Índia foi mencionada como “mística” apenas duas vezes, ao contrário de outras destinações ao redor do mundo que foram 92 (noventa e duas) vezes caracterizadas pelo mesmo adjetivo. A prisão à temporalidade e espiritualidade vinculada historicamente à Índia se abre à complexidade.

Pesquisas contemporâneas, como estas acima, indicam que os fluxos turísticos na Índia são permeados de repertórios de indianidades, alguns deles convergentes aos

³ “Imagine Michel Jackson arriving at an airport with thousand of screaming fans being held back by ropes...we...spent the next ten minutes or so saying ‘no thank you’ to everybody offering taxi’s, rickshaws and hotels [...] Agra was far and away the worst place I have ever been to in India for touts...apart from the Taj, Agra to my mind is a dirty, congested, constant hassle nightmare of a place I will never go back to...why can’t they just move the Taj somewhere peaceful?”

que comentamos no primeiro capítulo, e outros que apareceram nos relatos de turistas, notadamente estrangeiros.

3. Narrativas sobre viagens à Índia

3.1 Os preparativos até o embarque

Por se tratar um destino internacional e atravessado por alteridades, buscamos saber sobre o lado operacional e prático do deslocamento, além da ideia de escolher a Índia como destinação turística. Para iniciar as conversas, abrimos pelo tema da preparação até o momento do embarque, tentando estabelecer um ponto de partida das narrativas.

A primeira entrevistada, que chamaremos de Mila, 28 anos, casada, sem filhos. Sempre teve a intenção de visitar a Índia. Para ela viajar àquele país é uma experiência necessária a qualquer professor que queira trabalhar com yoga; um ponto de passagem obrigatório conforme a sua fala: “[...] porque eu acho o seguinte, que yoga é como o inglês, quem é professor de inglês tem que pelo menos uma vez fazer um intercâmbio [...]”.

A comodificação também atravessa a yoga na contemporaneidade. Antes, as técnicas eram transmitidas por iniciações através de um mestre (ALEXANDER, 2006), hoje, professores e instrutores de yoga são formados em cursos profissionalizantes, alguns, em centros universitários. A yoga se transnacionalizou conforme aponta Strauss (1997), porém, a Índia ainda é um ponto de referência para praticantes que buscam o aperfeiçoamento.

Mila decidiu se juntar ao grupo do seu professor de yoga na jornada anual que faz à Índia. No mês de junho de 2010 ela comprou a passagem aérea com embarque marcado para dezembro de 2010. No período de aproximadamente de seis meses antecedentes, a sua preparação consistiu em algumas ações: aumentou o número de práticas de yoga durante a semana, se tornou vegetariana, saiu do trabalho no qual exercia o cargo de secretária, fez *checkup* médico e comprou livros sobre yoga: “(...) então eu fui atrás de alguns livros sobre yoga, chakras, este tipo de coisas, para começar a me preparar (...)”. O seu desempenho em relação às técnicas da yoga exerceu uma especial atenção, pois ela não queria chegar despreparada.

Outro ponto bastante comentado por Mila era a questão da saúde e higiene na Índia. Ela assistiu palestras sobre como lidar com as insalubridades higiênicas,

especificamente as do continente asiático, promovidas por um hospital em São Paulo. Lá mesmo tomou vacinas como a da febre amarela, exigida pelo governo indiano, e outras adicionais como antitétano e hepatite.

Alertada por uma amiga que já tinha viajado para a Índia, Mila levou um pequeno arsenal de remédios em caso de eventuais desconfortos, principalmente, os conhecidos distúrbios estomacais acometidos em muitos turistas estrangeiros na Índia⁴. Munida com um estoque de álcool gel e lenços de papel (e umedecidos também), estes valiosos agentes de assepsia garantiram a viajante uma espécie de “tranquilidade higiênica” para poder usufruir o seu *tour*:

“quando a gente pensa em Índia aqui, principalmente porque teve a novela, então a gente tem uma visão de Índia que tudo é colorido, assim, a gente imagina um cenário e a gente sabe que tudo é muito diferente daqui da nossa realidade, então você fica, poxa, e aí? Como que é? Então a [Rosa] já tinha me falado: “olha é bem diferente, têm certas coisas que você vai precisar levar”(…)“você precisa levar lenço de papel, você precisa levar álcool gel”, este tipo de coisa né, lenço umedecido, esse tipo de coisa eu já sabia que não podia faltar (…)eles têm muita dificuldade, porque eles usam água no sanitário, não tem papel higiênico, então pra gente é um pouco complicado”.(Mila)

Percebe-se no relato acima que a informação repassada por Rosa, outra viajante do grupo, que já havia estado na Índia, mediou a preparação de Mila para a adaptação intercultural, quase nunca isenta de problemas (HOTOLLA, 2004). Aqui a ênfase da pré-viagem foi dada ao não-humano menos transcendental possível: o papel higiênico. A preparação da viagem não escapou da micro-prática cotidiana da turista. Mila disse: *“Sou um pouco neurótica (risos) então, isso, assim, a primeira coisa que comprei e comprei bastante (...)”*.

Mila também fez seguro de viagem de assistência médica. A última etapa a preparação foi providenciar o visto indiano que *“foi super tranquilo, de um dia pro outro”*. Ela explicou que o visto indiano requerido no consulado geral em São Paulo é expedido em um dia útil, quando solicitado presencialmente.

Outra entrevistada era Tânia, professora de yoga e de dança circular e sagrada, com formação acadêmica em Educação Física, divorciada, mãe de dois filhos. Decidiu viajar apenas um mês antes do embarque do grupo (o mesmo de Mila). Impulsionada pelas práticas de yoga ela nos contou sobre a sua busca pela Índia:

⁴ O nome do blog intitulado “www.indiagestao.blogspot.com” criado por Sandra Duarte, residente na Índia desde 1999 foi inspirado nos relatos de diversos estrangeiros na Índia acometidos por distúrbios estomacais, inclusive vários deles encontram-se postados no blog.

“Não tinha aquela fissura de ir para Índia (...) Eu fui com esse intuito, o lado espiritual também, dos templos hindus (...) de conhecer como é mesmo a Índia, como é estar na Índia, como é praticar yoga na Índia, meditação (...) aí quando eu falei “eu vou”, eu comecei a mexer os pauzinhos pra tudo, comprei a passagem, liguei, fiz tudo (...).” (Tânia)

Praticar yoga na Índia foi uma expectativa gerada em todas as entrevistadas. Desta maneira, o verbo “praticar” deve ser ressaltado, pois o “fazer algo” faz parte de uma tendência contemporânea no turismo. Franklin e Crang (2001) sinalizam a mudança do *status* do contemplar para o agir e o praticar. Para este nicho de turistas a busca pelas práticas de yoga é por um serviço que promova bem estar.

Tereza não mencionou os seus meandros preparatórios à Índia. Foi importante notar isso, deixando-a livre para relatar a sua viagem. Em termos metodológicos, insistir em perguntas a fim de exaurir mais conteúdos é um tipo de violência que o pesquisador pode cometer, principalmente quando não percebe a finalização do enunciado pelo entrevistado (SPINK, 2010). Neste caso, Tânia havia encerrado a sua fala sobre a preparação, apontando para outro horizonte mais pertinente a sua viagem: a experiência em *ashrams* na cidade de Rishkesh.

A terceira entrevistada foi Nina. Professora de yoga, 36 anos, solteira, sem filhos, neta de indiano, acadêmica de psicologia e formada em Geologia. Passou doze meses, de dezembro de 2009 a dezembro de 2010, entre Índia e Nepal, para estudos, práticas de yoga, meditação, naturopatia e turismo. Foi a entrevistada que mais tempo permaneceu na Índia. Ao ser indagada sobre o interesse pela Índia, ela respondeu:

“Desde criança eu tinha assim, essa coisa. Não sei da onde que vinha. Talvez assim...porque eu tenho descendência, eu sou descendente de indiano, o meu avô era indiano, então, eu sempre fui criada.. “ah...a Índia”, ele nunca passou nada pra gente...nunca incentivou, mas assim, minha mãe, minhas tias sempre deram muita importância...muita!E aí desde criança eu tinha essa vontade de conhecer, de ficar lá, de ver como é a cultura deles, de vivenciar um pouquinho.” (Nina)

Nina contou que a sua preparação foi iniciada pelo menos um ano antes do embarque, o maior dentre todas as entrevistadas. Alguns tópicos envolveram a sua pré-viagem, como: guardar dinheiro; leitura de livros⁵; compra de passagem aérea; visto indiano e a matrícula em curso de yoga.

Nina buscou na internet inscrever-se previamente em curso de yoga que fosse reconhecido pelo governo indiano. Ela pontuou diversas vezes que o seu principal

⁵ “Planeta Índia” de Mira Kamdar e “Tentações do Ocidente” de Pankaj Mishra

objetivo na Índia era o de estudar e praticar yoga. Procurava uma escola de yoga que fosse “genuinamente” indiana, conforme o trecho da sua fala:

O meu objetivo era ir pra lá para ir para estudar, eu queria isso! Eu queria na verdade...fui pesquisar escolas, universidades...e eu achava que era tudo assim...coisa pra estrangeiro...voltada só para estrangeiro...e eu queria um foco mais pra eles mesmos, pra indianos. (Nina)

Ela buscou um local onde as imagens dos *sites* fossem determinantes em sua escolha. Ela descartava os *sites* que mostravam fotos de estrangeiros praticando yoga. A sua decisão foi em optar por uma escola na cidade de Delhi, cujo curso era inteiramente ministrado em híndi. Após a sua inscrição, juntamente com os outros dois professores de yoga do seu grupo de viagem, o coordenador do curso abriu uma exceção: eles poderiam ter aulas em inglês.

Rosa, a quarta e última entrevistada. Professora de yoga, 53 anos, casada, mãe de um filho, tem uma escola de yoga na região central de São Paulo. Foi para Índia por três vezes e disse que nenhuma viagem é igual: “*sempre tem diferença*”. “*Sempre vou descobrindo algo que não conhecia, por exemplo: o lado antigo de Delhi [...]o lado antigo das lojas, são mais baratas.*”.

A sua terceira viagem foi com o grupo de Mila, Tânia e o professor de yoga mencionado anteriormente. A programação foi inteiramente elaborada e organizada pelo líder do grupo, o professor, sendo que as demais pessoas, como Rosa, apenas aderiram ao roteiro. Para ela, era um sonho conhecer o deserto do Rajastão, talvez a mais exótica das experiências em termos de viagens à Índia.

Rosa nos contou que a compra de sua passagem aérea foi feita pela internet. Este fato nos traz a reflexão que as vendas diretas, sem a intermediação de agências de viagens, refletem uma tendência nos canais de distribuição de produtos turísticos. Esta prática vem se justificando, pois “em termos de custo de venda, o *site* da empresa pode representar até quatro vezes menos do que uma reserva via GDS [Global Distribution System⁶] (LOHMANN e PANOSSO NETTO, 2008). Esta tendência facilita o chamado “turismo individual” em que turistas compram seus produtos turísticos sem a mediação das agências de viagens (ANDRADE, 2002).

O embarque de todas as entrevistadas foi na cidade de São Paulo, Aeroporto Internacional de Guarulhos. Todos os voos não eram diretos, mas sim, mediados por

⁶ Mecanismo de reservas e vendas via programas de computadores, onde várias empresas (companhias aéreas, redes hoteleiras, locadoras de veículos, seguradoras de viagens e etc) expõem seus produtos num único canal de reserva e distribuição. Com a internet, as operações via GDS tornaram-se onerosas.

grandes *hubs*⁷ europeus. A cidade escolhida para o desembarque foi Nova Delhi no Aeroporto Internacional Indira Gandhi.

3.2. Na Índia ou durante a viagem:do Taj Mahal ao cosmopolitanismo indiano

Entre as práticas relatadas pelas entrevistadas, o cotidiano de suas viagens foi comentado. Entre estupefações e elogios, o aeroporto indiano acabou virando atração turística após a finalização de sua reforma. Sobre este tema, “aeroporto”, organizamos as falas pelo método de mapas (SPINK, 2010) como segue abaixo (quadro 4). Os mapas permitem mostrar as falas das entrevistadas conforme as temáticas abordadas.

Quadro 1. Mapa temático: Aeroporto Internacional Indira Gandhi

Entrevistadas	Tema: Aeroporto Internacional Indira Gandhi
Tânia	Assim que você chegou à Índia, qual foi a sua primeira impressão? <i>Ah! Foi aqueles mudras [gestos com as mãos de yoga] maravilhosos do aeroporto! (risos) Eu falei: “Meu Deus! Eu tô na Índia (risos) que coisa maravilhosa né?!”. Os mudras né, grandes, enormes! Assim, sabe? Eu achei muito legal! Eu falei: “Nossa! Olha que coisa linda, maravilhosa esses mudras, né? O que me chamou mais atenção foi os mudras. Eu olhei assim e falei: “Nossa que maravilha meu Deus! Olha agora eu tô na Índia mesmo!”. Onde você vai achar mudras assim, tão grandes, você chegou a ver essa parte? Depois que reformaram? - Não, só por fotos (da outra entrevistada, Mila) Então, exatamente. Eu falei: “Nossa! Que maravilha, eu tô na Índia mesmo!”.</i>
Mila	<i>Primeiro, uau, que aeroporto que é esse né? Porque você...(ela pergunta ao professor se ele já havia visto aeroporto depois da reforma, ele responde que não, que só havia visto em reforma) Eu não esperava aquela estrutura[...] Você tirou algumas fotos do aeroporto, certo? (ela mostra as fotos do aeroporto) fiz questão de tirar, porque o que me chamou a atenção foi justamente de ser moderno, embora eu achei absurdo ter carpete no aeroporto [...] o que chamou atenção foi o contraste, embora fosse moderno o fato deles terem colocados os mudras [gestos realizados com mãos, técnica da yoga] que é uma coisa bem característica né, quem não conhece, claro de repente você tá indo pra Índia à negócios, a pessoa fala o que será que é isso né, você não tem ideia, mas quem tem uma noção, chama muito atenção, eu achei muito bonito O aeroporto é um ponto turístico então? É! É enorme, é bem grande, tá super moderno, tá super bonito...primeiro mundo...(risos)</i>
Rosa	<i>“Como modernizou!”</i>

⁷Os *hubs* são a abreviação de *hub n'spoke*(nós e aros) que condiz com a dinâmica operacional entre rotas aéreas e terminais aeroportuários, ver Lohmann Palhares (2002).

O próximo tema apontado pelas entrevistadas foi o monumento do Taj Mahal. A visita e o valor da entrada no ícone turístico Taj Mahal⁸ foram bastante contestados, pois para visitá-lo é necessário pagar um valor diferenciado entre visitantes estrangeiros e residentes.

A atitude de Nina foi de protestar em relação à visita ao mausoléu. Ela e seu grupo decidiram visitar outro monumento, pois considerou um “*absurdo*” tal diferenciação de valores. Este tipo de performance pode ser entendido como uma fuga de ações normativas que Edensor (2001) chama de “*performances turísticas não-conformistas*”⁹. Estas se desdobram em: performances cínicas, resistentes, improvisadas e involuntárias. No caso de Nina, pode-se falar em *performance resistente*: “turistas nunca são compelidos a agirem em performances específicas conformistas”¹⁰ (EDENSOR, 2001, p. 76. Tradução nossa), eles podem inclusive usar táticas para reapropriar o espaço (CERTEAU, 1994). Segue a fala abaixo onde é apontada a resistência performática:

“Tá, a gente foi até Agra, aí a gente visitou um outro Taj que tem lá, mas a gente não chegou a visitar o Taj Mahal...”

- Por quê?

Ah...na verdade eu não tinha muito interesse, porque o Taj Mahal pra mim eu já tinha visto tanto na televisão e...aí a gente chegou lá, todos os lugares que você tem que visitar lá na Índia você tem que pagar uma entrada...a gente tava acostumado a pagar cem, duzentas rúpias para entrar em qualquer lugar...a gente chegou lá no Taj Mahal o cara pediu oitocentas! A gente achou um absurdo! Então a gente decidiu que a gente não ia entrar lá...por protesto! (Nina)

Já Mila ficou inconformada em ter que pagar setecentas e cinqüenta rúpias, ao invés das vinte rúpias para residentes indianos. Além do valor diferenciado, ela ainda frustrou-se: “*Tá, e aí? Eu esperava mais. Eu tô no Taj Mahal, pensei que a sensação fosse diferente*”. Mas mesmo frustrando-se, ela publicou a sua foto (fig. 13) no Taj em seu blog. Esta foto com mais outras cinqüenta e uma fotos “contam” a sua viagem à Índia. Interessante notar que, assim como o blog de Mila, muitos outros¹¹ também contêm relatos de turistas brasileiros em viagens à Índia. Talvez estes diários eletrônicos, publicados em rede, possam merecer uma atenção para futuros estudos que possam abordar os fluxos turísticos entre o Brasil e a Índia.

⁸ Entende-se aqui que o Taj Mahal faz parte do tipo de objeto de viagem “*traveller-object*”, em que o que se desloca é a sua imagem e não o objeto em si (LURY, 1997).

⁹ “Non-conformist tourist performances”

¹⁰ “tourists are never compelled to enact specific conformist performances”

¹¹ www.indiagestao.blogspot.com; www.rafaelnaindia.blogspot.com; www.glaucotavaresnaindia.blogspot.com



Figura 1: Mila no Taj Mahal, foto postada em seu blog
Fonte: www.yogadalua.blogspot.com.br

Sobre a visita ao Taj Mahal, Tânia disse: *“Pra mim não foi tudo aquilo que o pessoal fala, lógico, é uma das sete maravilhas do mundo, mas...”*. Mila e Tânia posicionam-se sob a *performance irônica ou cínica* onde “os turistas questionam cinicamente o significado do Taj Mahal e enfraquecem a noção ortodoxa sobre como a atração deve ser contemplada sob o olhar romântico e com intensa seriedade”¹² (EDENSOR, 1998, p. 75. Tradução nossa).

Passemos para o próximo tema apontado em comum pelas participantes: compras. Mila Simões declarou enfaticamente: *“O comércio é fascinante!”*. O turismo movimenta a circulação de bens e serviços gerando um efeito multiplicador (LOHMANN e PANOSSO NETTO, 2008). Ir às compras é uma das atividades mais praticadas no turismo contemporâneo. Para turistas americanos, por exemplo, comprar é considerado a segunda atividade mais importante em viagens fora do país (FRANKLIN, 2003). As compras tiveram bastante importância por nossas entrevistadas: valores, bazares tradicionais, diversidade de mercadorias e barganha foram alguns dos assuntos mencionados.

De acordo com Diwivedi (2008), a barganha entre turistas e comerciantes locais foi considerada como uma prática obrigatória e autêntica para quem visita o país em grupos virtuais sobre viagens à Índia. O ato de barganhar e de tomar chá ao comprar uma mercadoria foi comentado por Mila:

“[...] o pessoal disputando para te vender e...querendo que você compre, enfim...e tentando negociar, a questão da negociação eu achei muito divertida, tem que barganhar! (risos) muito legal, achei muito divertido[...]O comércio é fascinante! É uma coisa...as pessoas são muito simpáticas, elas querem te atrair, querem saber da onde você é, daí tentam

¹² “The tourists are cynically questioning the significance of the Taj and undermining orthodox notions about how the attraction should be gazed upon romantically and beheld with intense seriousness”

falar em espanhol em algumas cidades pra tentar conversar e começam a perguntar, e quanto que você quer pagar, e tal..é muito engraçado...te convidam para tomar um chai[chá indiano], e vai te envolvendo né, te tratam como um amigo, que é pra você comprar. (Mila)

Além da prática de barganhar pelas mercadorias, as relações amistosas entre turistas e comerciantes apontadas por Mila, perfazem a lógica da transitoriedade estabelecendo uma sociabilidade comodificada, em que os comerciantes e prestadores de serviços comercializam suas “amizades” (LAWSON e JAWORSKI, 2007).

Os mercados chamados de “bazares” foram citados por todas as entrevistadas. Elas definiram como lugares tradicionais e autênticos para compras. Para Certeau *at el* (1996, p. 158) “o mercado é um importante ponto de referência sociológico para a compreensão das relações humanas”. Este estudo não foi até mercados indianos, eles foram trazidos até a pesquisa pelas narrativas das entrevistadas.

Quando questionada o porquê de uma das entrevistadas em querer comprar nos bazares indianos, Tânia respondeu da seguinte maneira: “*Porque eu queria coisa indiana, não queria muvuca...que era...que tinha muita loja da Adidas, muito shopping, eu queria ir nas coisas indianas, na muvuca indiana!*”. Já Rosa comentários sobre um comércio que visitou em Nova Delhi: “[...] *bem indiano, onde turista não vai [...] comércio bem popular e tradicional*”. Tanto Tânia quanto Rosa, o comércio fora do enclave turístico estava atrelado a uma ideia de tradicional e autenticidade. Notamos que, para elas, quanto menos “contaminação” pela presença de turistas no comércio local, mais autêntica a mercadoria e a experiência da compra.

Nina nos contou sobre as suas andanças pela cidade de Rishkesh em que gostava de ir aos bazares fora do bairro turístico onde estava hospedada. Sua alegação era que, além de baratos se aproximavam mais com a cultura local. O comércio local foi um dos principais espaços¹³ comentados pelas entrevistadas, onde as relações, ainda que efêmeras, foram estabelecidas e também desfeitas (LAWSON e JAWORSKI, 2007). Não era apenas comprar as mercadorias, era olhar, visitar, conhecer e conversar, um afã de buscar o contato com a cultura mais autêntica e o menos turística possível. A próxima fala de Mila mostra que muitas das suas mercadorias foram compradas mais pela relação estabelecida entre ela e os comerciantes que a própria mercadoria em si:

“Eles são muito bons! (risos) o povo fala de judeus com o comércio, mas o indiano é muito... “esse é meu amigo” e tal e

¹³ Espaço para Certeau (1994) é um lugar praticado. Os bazares eram os lugares onde as turistas podiam praticar as trocas para obterem suas mercadorias, talvez muito mais pela experiência de se realcionarem com os indianos que as próprias mercadorias.

te envolve e você fica até com dó, que pra você nem é tão caro, claro, que se você pensar na moeda deles, você vai falar 'puxa, mil rúpias, por exemplo, nem é tanto assim dependendo do objeto né'... Tá tudo bem...você sabe que tá pagando caro, mas você acaba levando às vezes, porque a pessoa foi super simpáticos, ela te envolveu, você acaba levando". (Mila)

Nem só de bazares tradicionais indianos vive a Índia. Os fluxos da globalização também vêm atravessando o país como em qualquer outro país emergente. Este fato pode ser relatado por Mila. O entusiasmo na sua fala e gestos mostraram a “descoberta” de uma outra Índia, diferentemente da que vinha conhecendo por intermédio dos *ashrams* e templos hindus.

Ela contou que, ao visitar um amigo indiano na cidade de Hyderabad, pode notar o cosmopolitanismo indiano. Ela viajou de avião pela companhia aérea Kingfisher, uma das maiores da Índia, embarcando do aeroporto em Dehra Dun próximo da cidade de Rishkesh em que estava hospedada. Em Hyderabad se sentiu muito bem, “*cara de casa!*”, disse ela. Conheceu vários estrangeiros que trabalhavam diretamente na área de tecnologia da informação. Conversou com pessoas que trabalhavam no Facebook.

Comeu em restaurantes e lanchonetes transnacionais como o Hard Rock, McDonalds e Subway. Foi em danceteria, mas frustrou-se pelo horário de funcionamento até a meia-noite. Frequentou shopping centers, comprou maquiagens da MAC, perfumes da Dior, calças da Tommy Hilfiger. Enfim, paisagens e mercadorias de uma cidade bem parecida com a sua cidade natal de São Paulo. Para Mila, não ouvir as tradicionais “*musiquinhas indianas*” era uma espécie de alívio, e falou: “*o pessoal de lá [de Hyderabad] é mais ocidentalizado, usam-se mais jeans e blusa e não batas*”.

As grandes marcas transnacionais procurada por Mila na Índia sinalizam que instrumentos como campanhas publicitárias e estilos de roupas tornam homogênea a cultura da globalização (APPADURAI, 1996). Ela comprou e usufruiu de mercadorias e serviços que são comercializados tanto em São Paulo quanto em Hyderabad.

Conclui-se que os objetos transnacionais comprados por Mila em Hyderabad se configuraram como *tripper-objects* pela perspectiva dos três tipos de viagem de Lury (1997)¹⁴, pois estes não estavam vinculados a convenção culturais ou laços legais restritivos do lugar de origem. A Índia “*ocidentalizada*”, conforme termo dado por Mila durante a entrevista, a surpreendeu; o exotismo deu espaço para o familiar; as grandes marcas internacionais alteraram o *status* de pobreza e atraso para uma noção de

¹⁴ Ver *Touring Cultures*, capítulo 4, “The objects of travel” por Celia Lury (1997).

sofisticação e “modernização” do país, assinalando a sua ascensão como potência mundial (KAMDAR, 2008).

3.2 *Ashrams*: experiências (quase) austeras

A noção de “autenticidade encenada” desenvolvida por MacCannel na década de setenta atribuiu que os turistas estão condenados a fracassar pela busca da autenticidade. A indústria turística cria e divulga atrações somente para seu público consumidor; este, sabendo que tudo faz parte de um cenário, acredita que o “real” ou autêntico encontra-se nos bastidores. Entretanto, a mesma indústria turística responde este esquema fazendo com que o cenário se pareça como um bastidor, criando assim mais um cenário (GRABURN *et al*, 2009). De acordo com MacCannel, os turistas esperam ultrapassar as superficialidades inerentes ao turismo para alcançarem uma apreciação mais profunda da sociedade e cultura (KAPLAN, 2005). Mas, para Urry (2001), não existem experiências turísticas consideradas autênticas.

Os *ashrams* indianos poderiam ser entendidos como núcleos que propiciam práticas de yoga e filosofias tradicionais como performances produtoras de espaços e práticas turísticas (EDENSOR, 2001). Em certo sentido, as experiências em *ashrams* tentam se distanciar da pressuposta superficialidade de práticas turísticas, como o aspecto lúdico e não reflexivo (EDENSOR, 2001), por serem lugares associados à espiritualidade indiana.

Para três das entrevistadas, Rishkesh, considerada a “cidade mundial da yoga”, era o lugar ideal para formalizar a tão almejada experiência autêntica de yoga. As três permaneceram na cidade, hospedadas em *ashrams*, em períodos maiores que um mês. Elas nos sinalizaram que a estadia em Rishkesh diferenciava-se das programações turísticas normais que visavam visitas breves em vários espaços.

Novamente recorreremos a técnica dos mapas (quadro 2) para dimensionar a diferença apontada pelas entrevistadas entre o turismo na Índia e a permanência em *ashrams* na cidade de Rishkesh:

Quadro 2. Mapa temático: turismo em Rishkesh

Entrevistadas	Diferenças entre práticas turísticas “normais” e as de Rishkesh em <i>ashrams</i>
Nina	<i>“Uma coisa é você tá passeando né, como turista, tirando fotos, aquela coisa de turista mesmo...(risos)...e assim... é diferente...lá [Rishkesh] que eu procurei praticar mesmo, as aulas”.</i>
Tânia	<i>“Eu acho assim quando você viaja pela Índia, e nós viajamos por várias cidades né, é...você não tinha tempo de parar sabe, e...você ficava em muitos hotéis e o hotel...era confortável dos hotéis, mas assim, você tava numa outra energia, de</i>

	<i>comprar, de conhecer a cidade, de passear, de ir em templos hindus, era outra coisa, era outra proposta. Aí quando você pára, Claudia, como eu parei em Rishkesh, aí é outra proposta, aí você pára para meditar, praticar yoga...”</i>
Mila	<i>Então, eu acho que...por exemplo Rishkesh, é um lugar acolhedor e é muito barato, então é um lugar que você pode passar algum tempo assim, pra ficar sozinha, pra praticar yoga, pra praticar meditação, sabe? E sem aquele stress de viaja pra lá, viaja pra cá..anda pra lá...sabe?...é um lugar que você pode ir, então, como eu conheço pessoas, agora eu posso ir, posso ligar, agora, eu converso por email, estão no meu facebook, então...por mais que seja um dono de uma pousada vai...mas eu falo “tô indo pra aí”, eu fico lá, fico no ashram, eu sei que é barato, [...] o lugar é bom, a energia é boa e tudo bem!</i>

Algumas das narrativas puderam reafirmar a existência de estereótipos associados à figura do indiano como sábio, velho e não-moderno (FRANKLIN e CRANG, 2001); a busca do turista estrangeiro pela sapiência e espiritualidade indiana conforme notamos no trecho a seguir:

“Então, você desce às cinco e meia da manhã, você senta pra praticar yoga, aí tem um swami quando ele está no templo, ele estava lá né, no ashram, daí ele senta ele fala um pouquinho de Deus, ele fala assim que o quanto as pessoas estão voltadas só para o lado material, vem pra Índia só pra comprar, comprar, mas elas não se preocupam para se voltar para si, e parar, sabe? E respirar corretamente...sentar, meditar, sabe? [...] O Swami lá muito gente fina, assim sabe, um senhorzinho com aquela barba branca, sabe, tranqüilo, sabe, conversa com você tranqüilamente, você senta lá...”
(Tânia)

Os *ashrams* de outrora eram lugares onde os ensinamentos de mestres hindus eram transmitidos aos discípulos e devotos, os quais executavam serviços altruístas e práticas ascéticas (ALEXANDER, 2006). Atualmente, os *ashrams* configuram-se como estabelecimentos de hospedagem e escolas de yoga para turistas. O próximo relato de Narani sinaliza um complexo turístico yóguico¹⁵:

*“E essa coisa de yoga, de visitar templos, participar de pujas, tudo isso faz parte do turismo...e...porque os ashrams em Rishkesh são voltados pra isso, aquela concepção que a gente tinha, de se internar num ashram, vai fica lá, vai trabalhar, vai estudar, toda aquela coisa...não existe mais...
- Os ashrams são voltados para o turismo?
Pra isso. São tipo uma pensão, você aluga um quarto, aí, se você quiser você participa das aulas, não é obrigatório, e tanto que eu cheguei a ficar hospedado num ashram e fazia aula em outro. (Nina)*

Talvez o rigor austero de antes foi *afrouxado* para que os turistas estrangeiros pudessem usufruir uma experiência *yogue* mais amena e confortável possível. Isso pode

¹⁵Assim como há o complexo turístico Disney em Orlando nos Estados Unidos, onde vários hotéis encontram-se dentro dos parques temáticos da Disney.

indicar que os *ashrams* atualizaram-se ao adequarem práticas e estrutura física para seu público alvo: turistas estrangeiros.

Porém, ainda há aqueles que buscam justamente a austeridade nos *ashrams*. Tânia comentou sobre as suas práticas ascéticas de yoga que incluíam voto de silêncio e jejuns. A performatividade das atividades do cotidiano no *ashram* norteou a sua experiência:

“[...] eu fui em todas as meditações que tinham, eu praticava três horas e meia de hatha yoga por dia [...] Eu fiz três dias de mouna[voto de silêncio] E só almoçava, só fazia uma refeição ao dia...ele [swami] falou: “você faça uma refeição só e fique em mouna”...e...então eu achava legal isso aí também [...]

- E essa experiência foi boa, de austeridade?

“[...] Eu acho importante! Foi falado muito isso, indiano é muito disciplinado e brasileiro não tem disciplina.”(Tânia)

Práticas de yoga, palestras com temas de espiritualidade e a simplicidade das acomodações proporcionam experiências estéticas condizentes às procuradas nos *ashrams*.

Nina nos contou um incidente curioso: a sua performance de praticar yoga, aprendida no Brasil, gerou interferência na Índia, considerada o berço da yoga. Houve outro movimento conforme pode-se notar na sua fala abaixo. Ela foi à Índia para estudar yoga, mas em dado momento, foi ela quem *ensinou* yoga lá:

“Aquele coisa:Respira...fecha os olhos...interioriza...”, lá não! Ninguém fecha olho, sabe, ninguém sabe respiração, então, era super engraçado que algumas aulas que eu pratiquei na Índia, eu percebi isso, depois eu ficava rindo, é hiper automático, eu tô acostumada a praticar assim, eu começo a praticar é automático: fechar o olho, respirar e eles viam que eu tava fazendo isso, daí eu comecei a perceber que o professor mandava os outros fazerem! Eu achava muito engraçado”. (Nina)

Mila mencionou que o seu grupo procurava “*coisas mais puras, mais essência*”, isto em relação à yoga e aos templos, porém, para ela isto era muito difícil. Quando questionada sobre o porquê da dificuldade, ela disse: “*tudo é comércio*”. Para corroborar sua resposta citou o exemplo de que quando visitava um templo, os sacerdotes ofereciam a *prasada* [oferenda de comida], mas que para recebê-la tinha que dar algumas rúpias¹⁶. Este tipo de prática gerou um incômodo em Mila. Ela disse que, para visitar os templos mais “*originais*”, era necessário andar muito, estes templos eram

¹⁶ Nome da moeda indiana.

mais “*simples, sem filas e não eram esquematizados*”. E, quase que em um desabafo frustrado, completou: “*Muita coisa do yoga ou espiritual se perdeu, não sei se são as campanhas ou se são os estrangeiros, virou um ciclo...*”. Algo similar, a suposta “perda” da autenticidade, foi comentado por Nina, ao nos contar sobre a dificuldade em achar um mestre espiritual na Índia contemporânea:

“Ah! mas é assim o país, está se ocidentalizando, mas sei lá...de repente você tropeça num mestre no meio desse povo todo!”.

- Isso te frustrou?

Não. Não. Não porque você vai vendo a realidade assim, eu sabia que era uma coisa, lógico, você tá dentro do yoga, você tá fazendo esse trabalho, lógico que seria muito legal encontrar uma pessoa assim né? Um mestre...mas...tem que ver pelo lado prático da coisa, que é muito difícil de alguém atingir um grau desse, né, então você...eu fui, eu conheci muita gente boa, vários Swamis, vários professores me transmitiram coisas muito legais, muito importantes, mas aquela questão “meu mestre”, não. Porque é tão difícil hoje, sei lá, talvez em até identificar, né? (Nina)

Estes relatos assemelham-se de alguma maneira com o livro do inglês Paul Brunton, “A Índia secreta”. Nesta obra, o autor relata sobre as suas dificuldades e desilusões, por meio de encontros com supostos mestres. Ele narra a sua experiência de ter viajado à Índia em meados dos anos trinta em busca de autênticos mestres espirituais indianos; por fim, ele acabou encontrando um, Ramana Maharshi.

4. Considerações sobre os relatos de viagem à Índia

As narrações constituem um importante processo de recordação. São práticas que produzem “fatos” no turismo; dispositivos mnemônicos para lembrar viagens (EDENSOR, 1998), e, também, fontes para produção de novas formas de falar sobre o local onde se esteve. Contar e inventar histórias se confundem como partes do próprio ato de narrar.

As narrativas de viagem no “retorno para casa” emergem uma Índia contemporânea atravessada pelos fluxos de globalização que escapa do engessamento discursivo midiático. Repertórios que comercializam a Índia em propagandas turísticas vinculados à antiguidade, exotismo, espiritualidade e multiculturalismo (POLETTI, 2012), acabam sendo fissurados por tais narrativas. Elas sinalizam pormenores do cotidiano que aproximam e desfazem polaridades. Ao mesmo tempo, os repertórios apontados também se fazem presentes nos relatos, o que Marques (2010) elucida como sendo uma repetição de discursos essencialistas provenientes do contexto colonial

orientalista. Podemos argumentar que há um jogo de movimentos nas narrativas entre as práticas contemporâneas comuns entre países emergentes (Brasil e Índia) e a repetição de discursos cristalizados em repertórios de outrora.

Se fossemos inquirir novamente as participantes a contarem suas viagens à Índia, certamente narrariam outras histórias, ou ainda, as mesmas, só que de maneira diferente, tornando-as novas. O manancial dos relatos de viagem não se esgota facilmente, assim como acontecia com Rashid, personagem da epígrafe no início deste artigo, bastava “abrir a boca” e “lá vinha uma saga novinha em folha, completa.

REFERÊNCIAS

AGGARWAL, Adarsh Kumar; GUGLANI, Meenal; GOEL, Raj Kumar. Spiritual & Yoga Tourism: A case study on experience of Foreign Tourists visiting Rishikesh, India. **Conference on Tourism in India – Challenges Ahead, 15-17 May 2008, IIMK.**

ALEXANDER, Ram. **Death must die.** Varanasi, India: Indica Books, 2006.

ANDRADE, José. **Turismo: fundamentos e dimensões.** 8 ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

APPADURAI, Arjun. **Modernity at large: Cultural Dimensions of Globalization.** Public Worlds Volume 1. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

BANDYOPADHYAY, Ranjan. The perennial western tourism representations of India that refuse to die. **Tourism Preliminary Communication.** Vol. 57, n.1, p. 23-35, 2009.

BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CHAUDHARY, Manjula. India's image as a tourist destination – a perspective of foreign tourists. **Tourism Management .** 21. p. 293 – 297, 2000.

DWIVEDI, Mridula. Online destination image of India: a consumer based perspective. **International Journal of Contemporary Hospitality Management.** pp.226-232. Vol.21 No.2, 2009.

DUARTE, Constância. Narrativas de viagem de Nísia Floresta. **Revista Via Atlântica.** N. 2, jul. 2009.

EDENSOR, Tim. **Tourists at the Taj: performance and meaning at a symbolic site.** Routledge: London, 1998.

_____. Performing tourism, staging tourism: (re)producing tourist space and practice. **Tourist Studies**, 2001.

ELLIOTT, Anthony; URRY, John. **Mobile Lives.** New York: Routledge, 2010.

FERREIRA, Daniel de Oliveira. **Fatores Geradores da aderência ao yoga e perfil de praticantes como subsídio à captação de novos clientes.** (Trabalho de Conclusão de Curso – Educação Física). Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <www.edvaldofarias.com>

FRANKLIN, Adrian; CRANG, Mike. The trouble with tourism and travel theory?. **Tourist Studies**. pp. 1-5, 2001.

GIARD, Luce. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar.** Michel de Certeau (org.) Luce Giard, Pierre Mayol. Trad. Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GRABURN, Nelson; BARRETO, Margarita; STEIL, Carlos; GRUNEWALD, Azeredo; SANTOS, Rafael. **Turismo e antropologia: novas abordagens.** São Paulo: Ed. Papiurus, 2009.

HOTOLLA, Petri. Culture Confusion: intercultural adaptation in tourism. **Annals of Tourism Research**, Vol. 31. N. 2, pp. 447-466, 2004.

KAMDAR, Mira. **Planeta Índia: a ascensão turbulenta de uma nova potência global.** Rio de Janeiro: Ed. Agir, 2008.

KAPLAN, Caren. **Questions of travel: postmodern discourses of displacement.** Durham, EUA: Duke University Press, 2005.

LAWSON, Sarah; JAWORSKI, Adam. Shopping and chatting: reports of tourist – host interaction in The Gambia. **Multilingua** 26. pp. 67-93, 2007.

LOHMANN, Guilherme; PANOSSO NETTO, Alexandre. **Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas.** São Paulo: Aleph, 2008.

MARQUES, SANDRA C. S.. Réplicas topográficas nas narrativas de viagem sobre a Índia. **Revista etnográfica**. Outubro de 2010. N. 14 (3): 419-442, 2010.

MENEGON, Vera. Por que jogar conversa fora? Pesquisando no cotidiano. (in) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.** (Org.) Mary Jane P. Spink. São Paulo: Cortez, 1999.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

P. SPINK, (Peter) Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia e Saúde**. V. 15. pp. 18-42, jul-dez, 2003.

PETERS, Peter Frank. **Time, innovation and mobilities: travel in technological cultures**. Nova York: Ed. Routledge, 2006.

P. SPINK, (Peter) Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia e Saúde**. V. 15. pp. 18-42, jul-dez, 2003.

PISCITELLI, Adriana. Exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo. **Cadernos Pagu**. Vol. 19. pp. 195-231, 2002.

POLETTI, Claudia Wanessa R. **Brasil de Sári: indianidades nos fluxos turísticos entre Brasil e Índia**. 2012. 148 f. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea. Universidade Federal de Mato Grosso.

SAID, Edward. **Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das letras, 2007 [1978].

SPINK, Mary. **Linguagem e produção de sentido no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais (edição on line), 2010.

STRAUSS, Sarah. **Re-orienting Yoga: Transnational flows from an India Center**, Paper AAI9814918, 1997. Disponível em:
<<http://repository.upenn.edu/dissertations/AAI9814918>> Acesso em: 18 de outubro de 2011.

SHARPLEY, Richard; SUNDARAM, Priya. Tourism: A sacred journey? The case of ashram tourism, India. **International Journal of Tourism Research**. Vol. 7, PP 161-171, 2005.

URRY, John. **O olhar do turista: o lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel SESC, 2001.

YOGA DA LUA. Disponível em: <<http://www.yogadalua.blogspot.com.br>>. Acesso em: 18 de novembro de 2011.